Revista SICEx

ISSN: 3086-4275 (online)

MISOGINIA NAS REDES SOCIAIS E O IMPACTO NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE ADOLESCENTES: uma análise sobre comportamento e naturalização da violência de gênero

Deivid Alexandre Maurício[1]
Maddu Tunchel Vieira[2]
Lucas Vitor Baumgärtner[3]

RESUMO: O presente estudo analisa a influência dos discursos misóginos disseminados nas redes sociais na formação da identidade e da subjetividade de adolescentes, com ênfase nas comunidades associadas à ideologia Red Pill, termo oriundo da cultura digital e posteriormente ressignificado por grupos masculinistas para designar uma suposta "tomada de consciência" sobre as relações de gênero. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza básica e com objetivo exploratório, sendo desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e análise de conteúdo. Os resultados indicam que a exposição contínua a conteúdos misóginos pode impactar negativamente a construção da identidade juvenil, favorecendo a internalização de padrões de masculinidade hegemônica baseados na dominação, na rejeição da vulnerabilidade e na desvalorização do feminino. Além disso, observa-se que esses discursos podem contribuir para a naturalização da violência de gênero, especialmente quando associados a contextos de fragilidade emocional e busca por pertencimento social. Conclui-se que as redes sociais atuam como importantes mediadoras da subjetividade contemporânea, sendo fundamental o desenvolvimento de estratégias educativas e psicossociais que promovam o pensamento crítico, a equidade de gênero e relações mais saudáveis entre adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência. misoginia. redes sociais.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência constitui um período do desenvolvimento humano marcado por intensas transformações biopsicossociais e pela consolidação da identidade. Nessa fase, o indivíduo vivencia mudanças cognitivas, emocionais e comportamentais que o levam a questionar valores, construir referências e buscar pertencimento em diferentes grupos sociais. Trata-se de um momento de significativa vulnerabilidade psíquica, no qual o sujeito se encontra mais suscetível às influências do contexto social e cultural, internalizando modelos de comportamento e representações simbólicas que impactam diretamente a formação da subjetividade e das relações interpessoais. Nesse contexto, a construção do autoconceito e da identidade ocorre de forma dinâmica, em constante interação com o meio social, envolvendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais fundamentais para a compreensão de si e do outro (Papalia; Feldman, 2013; Paludo; Koller, 2018). Nos últimos anos, as redes sociais digitais passaram a ocupar um papel central nesse processo, configurando-se como um dos principais espaços de socialização contemporânea. Nesses ambientes, os adolescentes não apenas interagem e se expressam, mas também entram em contato com discursos, valores e ideologias que influenciam suas percepções sobre si e sobre o mundo. A dinâmica dessas plataformas favorece processos de comparação, validação e pertencimento,

[1] deividalexandre460@gmail.com
[2] maddutunchel@gmail.com; http://lattes.cnpq.br/2959989018592275
[3] lucasvbaumgartner@gmail.com ; http://lattes.cnpq.br/9739520870221285

ISSN: 3086-4275 (online)

ao mesmo tempo em que pode contribuir para a reprodução de desigualdades simbólicas e a disseminação de discursos discriminatórios (Marra et al., 2021; Souza, Tozatto, 2024).

Nesse contexto, destaca-se a crescente presença de comunidades virtuais que propagam discursos misóginos, especialmente aquelas associadas à chamada "Red Pill". O termo, originalmente vinculado à ideia de acesso a uma realidade oculta na cultura popular, foi ressignificado por grupos masculinistas que defendem a existência de uma suposta desvantagem masculina nas relações sociais. A partir dessa perspectiva, tais comunidades difundem conteúdos que reforçam a superioridade masculina, deslegitimam avanços na igualdade de gênero e promovem interpretações hierarquizadas das relações afetivas e sociais (Lima-Santos, Santos, 2022).

A circulação desses discursos no ambiente digital amplia significativamente seu alcance, sobretudo entre adolescentes em processo de formação identitária, que podem encontrar nesses espaços um sentimento de pertencimento, reconhecimento e validação. Conforme argumenta Michael Kimmel (2013), muitos jovens são atraídos por narrativas que transformam frustrações pessoais em explicações coletivas baseadas na perda de privilégios masculinos, alimentando um sentimento de injustiça e ressentimento. Nessa perspectiva, comunidades on-line oferecem respostas simplificadas para questões complexas, reforçando a ideia de que as mudanças nas relações de gênero representam uma ameaça à identidade masculina.

Essa adesão tende a sustentar narrativas fundamentadas na dominação de gênero, na rejeição da autonomia feminina e na percepção de que os homens são vítimas das transformações sociais. Como consequência, observa-se a construção de modelos de masculinidade marcados pela negação da vulnerabilidade, pela dificuldade em lidar com frustrações e pela valorização do controle sobre as mulheres, características associadas à masculinidade hegemônica (Connell, 2005). Para Kimmel (2013), esse processo está relacionado ao que denomina "masculinidade ressentida" , na qual a sensação de perda de status e de poder leva alguns homens a buscar reafirmação em discursos misóginos, antifeministas e de reafirmação de uma identidade masculina tradicional.

Produções audiovisuais contemporâneas também têm evidenciado essas dinâmicas, ao retratar jovens atravessados por conflitos emocionais e pela influência do ambiente digital na construção de suas identidades. Esses materiais permitem ilustrar, de forma narrativa, como a exposição contínua a determinados discursos pode impactar percepções sobre gênero, pertencimento e relações interpessoais.

Nessa direção, casos recentes de violência de gênero envolvendo adolescentes reforçam a relevância dessa discussão, ao evidenciar como discursos misóginos podem extrapolar o ambiente virtual e se manifestar em práticas concretas. Episódios divulgados pela mídia brasileira demonstram como a internalização de ideologias baseadas na dominação e no controle sobre o feminino pode se relacionar com comportamentos violentos (Ferraz, 2025; G1, 2026).

Diante desse cenário, considerando que a adolescência constitui um período marcado pela construção da identidade, pela busca de pertencimento e pela maior suscetibilidade às influências do contexto social, torna-se relevante investigar de que maneira os discursos misóginos disseminados nas redes sociais, especialmente aqueles vinculados à ideologia Red Pill, influenciam a formação da identidade e da subjetividade de adolescentes e quais são seus possíveis impactos na construção das relações de gênero e na naturalização da violência de gênero.

Assim, o presente estudo parte do seguinte problema de pesquisa: como os discursos misóginos disseminados nas redes sociais, especialmente aqueles associados à ideologia Red Pill, influenciam a formação da identidade e da subjetividade de adolescentes e de que forma podem contribuir para a construção de percepções sobre gênero e para a naturalização da violência de gênero?

A partir dessa problemática, a presente pesquisa tem como objetivo analisar como essas narrativas impactam a construção de comportamentos, percepções e relações sociais, contribuindo para a reprodução de desigualdades

ISSN: 3086-4275 (online)

de gênero e para a naturalização da violência. Ao articular contribuições da Psicologia, dos Estudos de Gênero e das Ciências Sociais, o estudo busca oferecer uma leitura crítica sobre os efeitos da cultura digital na formação das masculinidades contemporâneas, bem como subsidiar reflexões voltadas à promoção de relações mais igualitárias.

2 DESENVOLVIMENTO

O presente estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, por buscar compreender fenômenos sociais a partir da interpretação de significados, considerando aspectos subjetivos, culturais e simbólicos presentes nas relações humanas, conforme proposto por Gil (2008).

Quanto à natureza, a pesquisa é classificada como básica, pois tem como objetivo produzir conhecimento teórico voltado à compreensão de fenômenos sociais, sem a finalidade de aplicação prática imediata (Gil, 2008).

No que se refere aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, uma vez que busca proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, ampliando a compreensão sobre o tema e favorecendo o desenvolvimento de novas reflexões (Gil, 2008).

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, desenvolvida por meio da consulta e análise de materiais científicos previamente publicados, possibilitando reunir, organizar e discutir diferentes perspectivas teóricas relacionadas ao fenômeno investigado (Gil, 2008).

A revisão bibliográfica foi realizada entre os meses de fevereiro e junho de 2026, período correspondente ao desenvolvimento da pesquisa. A busca dos materiais ocorreu nas bases de dados SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, sendo complementada pela consulta a livros e capítulos de obras de referência na área da Psicologia e dos Estudos de Gênero. A utilização de diferentes bases teve como finalidade ampliar o acesso à produção científica, considerando que determinados estudos estavam disponíveis apenas em algumas plataformas.

As buscas foram realizadas utilizando, de forma isolada e combinada, as palavras-chave adolescência, subjetividade, formação da identidade, masculinidade hegemônica, redes sociais, cultura digital e misoginia on-line. Também foram considerados estudos relacionados às comunidades Red Pill, machosfera e violência de gênero, por sua pertinência ao problema investigado.

A seleção dos materiais ocorreu de forma intencional, priorizando publicações que apresentassem relação direta com os objetivos da pesquisa e contribuíssem para a compreensão da formação da identidade na adolescência, da construção das masculinidades, da influência das redes sociais na subjetividade e da disseminação de discursos misóginos no ambiente digital. Foram desconsiderados materiais que não abordavam essas temáticas de forma consistente, bem como publicações duplicadas encontradas em mais de uma base de dados.

Após a seleção, os materiais foram submetidos à leitura integral. Durante esse processo, foram identificados, destacados e organizados os conceitos, resultados e discussões considerados mais relevantes para responder ao problema de pesquisa. As informações extraídas foram sistematizadas e posteriormente utilizadas na construção do referencial teórico e na discussão dos resultados.

Entre os principais referenciais teóricos utilizados destacam-se Connell (2005), Connell e Messerschmidt (2013), Lima-Santos e Santos (2022), Silva e Hennigen (2021), Daudt, Valiati e Conte (2025), Souza e Tozatto (2024) e Marra et al. (2021), cujas contribuições fundamentam as discussões acerca das masculinidades, da subjetividade juvenil, das redes sociais e da misoginia on-line.

ISSN: 3086-4275 (online)

Como recurso audiovisual complementar, foi utilizada a série ficcional Adolescência (Netflix, 2024), exclusivamente como elemento ilustrativo para subsidiar reflexões sobre o desenvolvimento psicológico de adolescentes, a vulnerabilidade emocional e os efeitos da socialização no ambiente digital. Ressalta-se que esse material não integrou o corpus da revisão bibliográfica nem foi submetido à análise de conteúdo, sendo empregado apenas para contextualizar e exemplificar aspectos discutidos a partir da literatura científica.

De forma semelhante, foram utilizados, exclusivamente como recursos ilustrativos, três casos de ampla repercussão divulgados pela mídia: o ataque perpetrado por Elliot Rodger, ocorrido em Isla Vista, Califórnia, em 2014; o assassinato de uma menina de 11 anos em uma escola de Pernambuco; e um caso de estupro coletivo envolvendo adolescentes no estado do Rio de Janeiro. Esses episódios não constituíram objeto de análise da pesquisa nem integraram o corpus bibliográfico, sendo empregados apenas para exemplificar como os conceitos discutidos na literatura podem ser observados em acontecimentos contemporâneos relacionados à violência de gênero, à misoginia e às manifestações da masculinidade hegemônica (Ferraz, 2025; G1, 2026).

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). Inicialmente, foi realizada uma leitura exploratória dos materiais selecionados, buscando identificar conceitos, argumentos e recorrências relacionados aos objetivos da pesquisa. Em seguida, os conteúdos considerados mais relevantes foram agrupados conforme suas aproximações temáticas, possibilitando a organização dos dados em categorias de análise. Por fim, essas categorias foram interpretadas à luz do referencial teórico adotado, buscando compreender as relações entre adolescência, formação da identidade, subjetividade, masculinidades, redes sociais e discursos misóginos.

Inicialmente, foram definidos eixos temáticos a priori, fundamentados nas palavras-chave da pesquisa e nos objetivos do estudo. Durante a leitura e interpretação do material, emergiram categorias a posteriori, permitindo aprofundar a compreensão dos fenômenos investigados.

As categorias temáticas estruturadas a posteriori foram: (1) adolescência e formação da identidade; (2) redes sociais e subjetividade na era digital; (3) masculinidades e construção de gênero; (4) machosfera, Red Pill e discursos misóginos; e (5) misoginia, adolescência e violência de gênero.

Tabela 1 – Artigos selecionados na revisão bibliográfica

Título	**Autor/ Ano**	**Objetivo**	**Revista**
Aprenda a Evitar "Esse Tipo" de Mulher, Estratégias Discursivas e Monetização da Misoginia no YouTube	R. Marie Santini; Débora Salles; Luciane L. Belin; Adriano Belisario; Bruno Mattos; Stéphanie G. Medeiros; Danielle Mello; Felipe Grael; Renata Seade; Amanda Borges; Lucas Murakami; Rafael Cardoso; Erick Dau; Felipe Loureiro; Bernardo Yoneshigue; Vitor do Carmo; Felipe Maia, 2024.	Investigar estratégias discursivas misóginas em vídeos do YouTube	Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024, p. 4–68.
Incels e Misoginia On line em Tempos de Cultura Digital	André Villela de Souza Lima-Santos; Manoel Antônio dos Santos, 2022.	Analisar comunidades incel e seus discursos misóginos.	Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 22, n. 3, 2022, p.1081–1102

ISSN: 3086-4275 (online)

Masculinidade hegemônica, repensando o conceito	Robert W. Connell; James W. Messerschmidt, 2013.	Revisar e atualizar o conceito de masculinidade hegemônica.	Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 1, 2013, p. 241-282.
Misoginia Online, a Red Pill no Ambiente Virtual Brasileiro	Ana Carolina Weselovski da Silva; Inês Hennigen, 2021.	Mapear discursos da comunidade Red Pill no Brasil	Revista Feminismos, v. 12, n. 1, 2021, p. 1-25.
Percepção de Jovens Brasileiros sobre as Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade	Gabriel Artur Marra e Rosa; Jane Farias Chagas Ferreira; Ana Gabriela Mauch; Fernanda Lima de Albuquerque; Gustavo Campelo; Maria Luíza Macedo, 2021.	Investigar como jovens percebem a influência das redes sociais em sua subjetividade.	Investigar como jovens percebem a influência das redes sociais em sua subjetividade.
Red Pill e a Violência Contra as Mulheres	Pablo Henrique Silva dos Santos, 2025.	Relacionar discursos red pill com práticas de violência contra a mulher.	Revista Contemporânea, v. 5, n. 6, 2025, p. 1-13.
Redes Sociais e os Impactos na Formação da Identidade dos Adolescentes	Rodrigo de Freitas Souza; Alessandra Tozatto, 2024.	Compreender como as redes sociais influenciam a formação identitária de adolescentes.	Revista Sociedade Científica, v. 7, n. 1, 2024, p. 5279–5294.
Representações Sociais Emergentes no Universo Red Pill e MGTOW Brasileiro	Rafaella S. Daudt; Vanessa Valiati; Daniel Conte, 2025,	Analisar representações sociais em grupos Red Pill e MGTOW.	E-Compós, v. 28, 2025, p. 1- 21.

Fonte: dos autores (2026).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Adolescência e formação da identidade

A adolescência corresponde a um período de intensas transformações físicas, emocionais, cognitivas e sociais, constituindo uma etapa decisiva para a formação da identidade e da subjetividade. No âmbito jurídico brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) considera adolescente a pessoa entre 12 e

ISSN: 3086-4275 (online)

18 anos de idade, prevendo, excepcionalmente, a aplicação de suas disposições às pessoas entre 18 e 21 anos nos casos expressamente estabelecidos em lei. Essa definição evidencia o reconhecimento da adolescência como uma fase do desenvolvimento que demanda proteção integral e atenção às suas especificidades biopsicossociais (Brasil, 1990).

Conforme a perspectiva apresentada por Papalia e Feldman (2013), a adolescência corresponde a uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, momento em que o indivíduo busca construir um sentido de identidade e de pertencimento social. Segundo as autoras, esse período caracteriza-se por um processo dinâmico de formação da identidade, no qual o jovem procura integrar diferentes aspectos de sua personalidade, valores, experiências e relações sociais, ao mesmo tempo em que lida com expectativas familiares, culturais e do grupo de pares. Trata-se de um processo contínuo e relacional, influenciado pelas interações sociais e pelos diferentes contextos em que o adolescente está inserido, evidenciando a importância do ambiente sociocultural na construção do autoconceito.

A construção da identidade na adolescência ocorre de forma relacional, sendo fortemente influenciada pelos grupos sociais, valores culturais e referências simbólicas disponíveis no ambiente em que o jovem está inserido. Nesse sentido, a busca por aceitação e reconhecimento torna os adolescentes mais suscetíveis à internalização de discursos e modelos de comportamento que circulam em seu meio social. Essa vulnerabilidade não deve ser compreendida apenas como fragilidade, mas como uma característica inerente ao processo de formação subjetiva, que pode tanto favorecer o desenvolvimento quanto a incorporação de padrões problemáticos (Paludo; Koller, 2018; Marra et al., 2021).

A série Adolescência contribui para a compreensão dessas dinâmicas ao apresentar um caso fictício de violência ocorrido no interior da Inglaterra, no qual Jamie Miller, um adolescente de 13 anos, assassina sua colega de classe, Katie Leonard. A narrativa não se limita à exposição do crime, mas busca compreender os fatores que o antecedem, deslocando o foco do "como" para o "por que" da violência, ao explorar o impacto do ocorrido na vida do próprio jovem, de sua família e da comunidade escolar (Netflix, 2025).

Ao longo da trama, Jamie é apresentado como um adolescente aparentemente inserido em um contexto familiar estável, o que rompe com explicações simplistas que associam comportamentos violentos exclusivamente a situações de negligência ou violência doméstica. No entanto, a narrativa evidencia que o jovem vivencia sentimentos intensos de insegurança, inadequação e frustração, especialmente no campo das relações interpessoais. Conforme discutido por Papalia e Feldman (2013), dificuldades na construção da identidade e na regulação emocional durante a adolescência podem intensificar reações diante de situações de rejeição, especialmente quando o jovem ainda está consolidando sua autoestima e percepção de si.

A série evidencia que Jamie era alvo de bullying e apresentava vulnerabilidade à influência de discursos misóginos disseminados em ambientes digitais, o que contribui para a construção de uma visão distorcida das relações de gênero. Nesse sentido, Lima-Santos e Santos (2022) apontam que comunidades online associadas à misoginia têm ganhado espaço no ambiente virtual brasileiro e internacional, influenciando jovens na formação de percepções negativas sobre mulheres. Da mesma forma, estudos como os de Santos (2025) e Daudt et al. (2025) indicam que discursos vinculados a grupos como Red Pill e MGTOW reforçam narrativas que naturalizam a inferiorização feminina e podem legitimar comportamentos violentos.

A dificuldade de Jamie em elaborar emocionalmente suas experiências também se mostra central na construção da narrativa. De acordo com Papalia e Feldman (2013), a adolescência é um período de intensas mudanças cognitivas e emocionais, no qual o desenvolvimento ainda em curso das habilidades de regulação emocional pode tornar os jovens mais suscetíveis a respostas impulsivas ou desproporcionais diante de frustrações e conflitos interpessoais.

ISSN: 3086-4275 (online)

Essa articulação entre experiência subjetiva e referências sociais torna-se ainda mais evidente quando se considera o papel das normas de gênero. Connell (2005) argumenta que as masculinidades são socialmente construídas a partir de padrões que valorizam o controle, a dominação e a negação da vulnerabilidade, influenciando diretamente a forma como os homens lidam com emoções e rejeições. Esses modelos também produzem efeitos negativos na saúde emocional masculina, ao limitarem a expressão de sentimentos e incentivarem formas de validação baseadas na afirmação de poder.

A partir dessa perspectiva, a série evidencia que o ato violento não pode ser compreendido como resultado de um único fator, mas como a articulação entre vulnerabilidades individuais, experiências sociais e padrões culturais. A revelação de que Jamie é o autor do assassinato, bem como o envolvimento indireto de outro jovem no fornecimento da arma, reforça a complexidade do fenômeno, evidenciando que a violência se insere em redes de relações e influências.

Ao evidenciar um jovem inserido em um contexto familiar aparentemente funcional, mas atravessado por influências externas e dificuldades emocionais não elaboradas, a narrativa reforça a necessidade de compreender a violência de gênero a partir de uma perspectiva ampliada, que considere não apenas o indivíduo, mas também os discursos, valores e modelos sociais que orientam suas ações. Nesse sentido, a série contribui para problematizar como determinadas formas de socialização podem favorecer a construção de percepções distorcidas sobre as mulheres e sobre as relações afetivas.

A utilização da série como recurso ilustrativo permite evidenciar como experiências subjetivas, relações sociais e padrões culturais se articulam na produção de comportamentos violentos. Essa discussão aponta diretamente para a necessidade de aprofundar a análise das normas de gênero e dos modelos de masculinidade que sustentam tais práticas (Connell, 2005; Romeiro et al., 2024).

3.2 Redes sociais e subjetividade na era digital

As redes sociais digitais, ao se consolidarem como espaços centrais de interação entre adolescentes, passam a atuar não apenas como meios de comunicação, mas como dispositivos que organizam e intensificam experiências sociais. Nesse sentido, seu impacto não se limita à construção da subjetividade em si, mas à forma como essa subjetividade é constantemente mediada, exposta e reconfigurada no ambiente digital. Estudos apontam que o uso dessas plataformas influencia diretamente a percepção de si e das relações interpessoais, especialmente entre jovens, que se encontram em um momento de maior sensibilidade às dinâmicas sociais (Souza, Tozatto, 2024).

Sob a perspectiva da Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici (2015), os indivíduos constroem conhecimentos compartilhados que orientam a forma como interpretam a realidade e se relacionam com o mundo social. Essas representações são produzidas e transformadas nas interações cotidianas, influenciando percepções, valores e práticas. No contexto das redes sociais, esse processo torna-se ainda mais intenso, uma vez que conteúdos, discursos e símbolos circulam rapidamente entre grupos, favorecendo a construção e a naturalização de determinadas concepções sobre masculinidade, feminilidade e relações de gênero. Assim, os discursos misóginos difundidos em comunidades digitais podem ser compreendidos como representações sociais que orientam a forma como adolescentes interpretam as relações entre homens e mulheres.

Um dos elementos mais relevantes nesse contexto diz respeito ao tempo de uso das redes sociais. Marra et al. (2021) destacam que a elevada quantidade de horas diárias dedicadas a essas plataformas altera significativamente a rotina dos adolescentes, tornando o ambiente digital uma extensão contínua da vida social. No contexto brasileiro, essa realidade torna-se ainda mais expressiva. Segundo o DataReportal (2026), o Brasil figura entre os países com maior tempo diário de uso das redes sociais, refletindo a intensa inserção dessas

ISSN: 3086-4275 (online)

plataformas no cotidiano da população. Essa permanência prolongada amplia a exposição a conteúdos, discursos e interações, intensificando processos de comparação social, validação e construção da identidade.

Essa intensificação das interações está diretamente relacionada à lógica de funcionamento das plataformas digitais, que priorizam conteúdos com maior potencial de engajamento. De acordo com Souza e Tozatto (2024), os algoritmos tendem a reforçar padrões de consumo já estabelecidos, reduzindo a exposição dos usuários a perspectivas divergentes. Esse mecanismo favorece a formação de bolhas ideológicas, compreendidas como ambientes digitais em que predominam conteúdos alinhados às crenças, valores e preferências dos usuários. Como consequência, determinadas visões de mundo são continuamente reforçadas, limitando o contato com diferentes perspectivas e dificultando o desenvolvimento do pensamento crítico.

Nesse cenário, o chamado efeito manada torna-se particularmente relevante. Marra et al. (2021) apontam que, no ambiente digital, a tendência à reprodução de comportamentos e opiniões coletivas é intensificada pela visibilidade das interações, como curtidas e compartilhamentos, que funcionam como marcadores de aceitação social. Assim, a adesão a determinados discursos não ocorre apenas por identificação, mas também pela necessidade de pertencimento e validação, o que pode reduzir o espaço para posicionamentos divergentes.

Outro aspecto importante refere-se ao padrão de uso das redes sociais, que pode assumir características de engajamento contínuo. A necessidade constante de atualização e acompanhamento das interações favorece uma relação de dependência com o ambiente digital, na qual o adolescente permanece conectado por longos períodos. Esse uso intensivo está associado a impactos na forma como os jovens percebem a si mesmos, especialmente em função da exposição recorrente a conteúdos idealizados.

Nesse sentido, Freitas e Tozzato (apud Souza, Tozatto, 2024) indicam que a comparação frequente com padrões apresentados nas redes sociais pode contribuir para a diminuição da autoestima. A apresentação seletiva de estilos de vida, corpos e relações favorece a construção de referências muitas vezes inalcançáveis, o que pode gerar sentimentos de inadequação e insatisfação.

As redes sociais também reconfiguram as formas de pertencimento, ao possibilitarem a formação de grupos baseados em interesses e visões de mundo compartilhadas. Embora esses espaços possam oferecer identificação e apoio, também podem favorecer a construção de ambientes homogêneos, nos quais há pouca circulação de perspectivas divergentes. Estudos sobre comunidades digitais indicam que esse tipo de dinâmica pode reforçar crenças e dificultar o questionamento de determinados discursos, contribuindo para a manutenção de padrões específicos de pensamento (Lima-Santos, Santos 2022, Marra et al., 2021; Daudt et al., 2025).

Nesse panorama, as redes sociais digitais operam como mediadoras das relações sociais contemporâneas, intensificando processos de visibilidade, comparação e conformidade. Ao mesmo tempo em que ampliam as possibilidades de interação, também introduzem mecanismos que reforçam padrões de comportamento e limitam a diversidade de experiências, impactando diretamente a forma como os adolescentes se percebem e se posicionam no mundo social (Souza, Tozatto, 2024).

Masculinidades e construção de gênero

A construção das masculinidades é um processo social e cultural que se desenvolve a partir das interações e dos discursos presentes no meio em que o indivíduo está inserido. No contexto contemporâneo, marcado pela forte presença das mídias digitais, esses processos tornam-se ainda mais complexos, uma vez que os adolescentes passam a ter contato com múltiplos modelos de comportamento masculino, nem sempre saudáveis ou igualitários. A masculinidade, nesse cenário, frequentemente é associada a ideais de força, controle emocional e dominação, reforçando padrões tradicionais de gênero (Connell; Messerschmidt, 2013).

ISSN: 3086-4275 (online)

O conceito de masculinidade hegemônica, proposto por Connell (2005), refere-se ao modelo dominante de masculinidade que legitima a superioridade masculina e a subordinação feminina. Esse padrão é reproduzido em diferentes esferas sociais e culturais, servindo como referência normativa para o comportamento dos homens. Quando internalizado por adolescentes, esse modelo pode contribuir para a construção de identidades baseadas na competitividade, na negação da vulnerabilidade e na desvalorização do feminino (Connell, 2005).

Ao mesmo tempo, a masculinidade hegemônica também produz efeitos negativos sobre os próprios homens, especialmente durante a adolescência, período marcado pela intensificação dos processos identitários. Esse modelo impõe exigências normativas rígidas, como a necessidade de demonstrar força constante, controle emocional, sucesso nas relações afetivas e superioridade em relação às mulheres. Tais expectativas funcionam como uma forma de pressão contínua para performar o gênero masculino de acordo com padrões socialmente valorizados (Connell; Messerschmidt, 2013).

Essa compreensão dialoga com a noção de performatividade de gênero proposta por Butler (2022), segundo a qual o gênero não constitui uma característica inata ou essencial do indivíduo, mas é continuamente produzido e reiterado por meio da repetição de normas, práticas e discursos socialmente compartilhados. Nessa perspectiva, as formas de ser homem são aprendidas, reproduzidas e validadas nas relações sociais, levando muitos adolescentes a incorporarem modelos de masculinidade considerados legítimos como condição para o reconhecimento e o pertencimento aos seus grupos sociais.

Essa pressão pode ser compreendida como um fator de sofrimento psíquico, na medida em que limita a expressão emocional e dificulta o desenvolvimento de habilidades fundamentais, como empatia, comunicação e elaboração de frustrações. Ao internalizarem a ideia de que a vulnerabilidade é sinal de fraqueza, muitos adolescentes passam a reprimir emoções legítimas, o que pode resultar em isolamento emocional, insegurança e dificuldades na construção de vínculos afetivos saudáveis.

No mesmo sentido, a necessidade de validação social pode levar à adoção de comportamentos agressivos e dominadores como forma de afirmação identitária. Esse processo releva que a misoginia não se configura apenas como uma prática direcionada às mulheres, mas também como um mecanismo regulador das próprias masculinidades, estabelecendo padrões de pertencimento e exclusão entre os homens. Aqueles que não correspondem às expectativas desse modelo podem ser alvo de ridicularização, rejeição ou questionamento de sua identidade, o que reforça a adesão a comportamentos alinhados à lógica dominante.

Essa dinâmica evidencia que a masculinidade hegemônica e os discursos misóginos operam como dispositivos que produzem e regulam formas de ser homem, ao mesmo tempo em que reiteram normas de gênero socialmente legitimadas (Butler, 2022) e reproduzem relações de poder que sustentam a masculinidade hegemônica (Connell, 2005; Connell; Messerschmidt, 2013). Esse processo pode gerar sofrimento psíquico e limitar possibilidades de desenvolvimento emocional. Compreender essas dinâmicas é fundamental para a construção de alternativas que promovam masculinidades mais plurais, baseadas na possibilidade de expressão emocional, no respeito às diferenças e na construção de relações mais igualitárias.

3.3 Machosfera, Red Pill e discursos misóginos

No ambiente digital, a construção das masculinidades é fortemente influenciada por comunidades virtuais que disseminam ideologias baseadas na rejeição ao feminismo e na reafirmação de papéis tradicionais de gênero. Esse conjunto de espaços, conhecido como machosfera, inclui fóruns, redes sociais e plataformas de vídeo que compartilham discursos semelhantes, frequentemente marcados pela misoginia. Entre esses grupos, destacam-se comunidades associadas à Red Pill[1] e aos incels, que, apesar de suas diferenças, convergem na produção de narrativas que reforçam a superioridade masculina e a desvalorização das mulheres (Lima-Santos; Santos, 2022).

ISSN: 3086-4275 (online)

A emergência dessas comunidades está vinculada a um processo histórico mais amplo de reconfiguração de movimentos masculinistas. O masculinismo, entendido como um movimento reacionário de caráter conservador, surge em resposta aos avanços dos direitos das mulheres e às transformações nas relações de gênero promovidas pelos movimentos feministas. Ao longo do tempo, esse movimento passou a produzir discursos que reinterpretam tais avanços como ameaças à posição social dos homens, construindo uma narrativa de perda de privilégios e de suposta "crise da masculinidade". É nesse processo que a Red Pill pode ser compreendida como uma vertente contemporânea desse movimento, que se apropria de elementos da cultura digital para difundir suas ideias de forma ampliada e acessível (Silva; Hennigen, 2021; Lima-Santos; Santos, 2022).

A Red Pill, termo originado da cultura popular, foi ressignificada nesses espaços como metáfora de um suposto "despertar" masculino diante de uma realidade que consideram dominada por valores feministas. Essa apropriação, no entanto, distorce o significado original do conceito e sustenta interpretações simplificadas e hierarquizadas das relações de gênero. Na prática, esses discursos legitimam comportamentos de dominação, naturalizam a desigualdade e reforçam estereótipos que sustentam a inferiorização das mulheres (Silva; Hennigen, 2021; Santos, 2025).

Essas comunidades tornam-se particularmente atraentes para adolescentes que vivenciam inseguranças, frustrações afetivas ou dificuldades de inserção social, oferecendo explicações simplificadas para suas experiências e um forte senso de pertencimento. Sob essa lógica, observa-se um processo de captura da subjetividade, compreendido como a incorporação progressiva de discursos, valores e formas de interpretar a realidade que passam a orientar a maneira como esses jovens percebem a si mesmos, suas relações e o mundo social. Conforme discute Han (2018), as formas contemporâneas de poder atuam cada vez mais sobre a subjetividade dos indivíduos, influenciando seus modos de pensar, sentir e agir, de modo que os próprios sujeitos passam a reproduzir voluntariamente determinadas racionalidades e discursos. Nesse cenário, favorece-se a internalização de valores e crenças alinhados às ideologias difundidas nessas comunidades digitais.

Inseridos nesse cenário, destacam-se os chamados "coaches da sedução" e outros influenciadores da machosfera, que produzem conteúdos voltados ao público masculino jovem, ensinando supostas estratégias de interação com mulheres baseadas na manipulação emocional, na objetificação e na hierarquização das relações afetivas. Esses discursos incentivam comportamentos de dominação, reforçam a associação entre masculinidade e controle sobre o feminino e oferecem respostas simplificadas para experiências de rejeição e frustração. Ao mesmo tempo, esse ambiente não opera apenas como espaço de socialização, mas também como um mercado. A produção e a circulação desses conteúdos estão frequentemente associadas à venda de cursos, mentorias, comunidades fechadas e outros produtos digitais destinados ao público masculino (Santini et al., 2024).

Associado ao conteúdo ideológico, esses discursos integram modelos de negócio baseados na economia da atenção, em que o engajamento produzido por conteúdos polarizadores é convertido em receita por meio de publicidade, cursos, mentorias e outras formas de comercialização (Santini et al., 2024). A lógica de funcionamento das plataformas digitais potencializa esse processo, uma vez que os algoritmos tendem a priorizar conteúdos capazes de gerar elevados índices de interação, ampliando sua visibilidade e alcance, independentemente de seus impactos sociais (Souza; Tozatto, 2024).

Não apenas os produtores de conteúdo lucram com essa dinâmica, mas as próprias plataformas digitais também se beneficiam economicamente dela, uma vez que conteúdos polarizadores e emocionalmente intensos tendem a aumentar o tempo de permanência dos usuários, as interações e os compartilhamentos. Esse cenário evidencia a necessidade de discutir a responsabilidade das plataformas na circulação de conteúdos potencialmente nocivos, especialmente quando envolvem adolescentes. O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) tem destacado a importância de políticas voltadas à proteção de crianças e adolescentes, à transparência no funcionamento das plataformas e ao enfrentamento da incitação à violência e aos discursos de ódio no ambiente

ISSN: 3086-4275 (online)

digital. Estudos do Comitê também alertam que os modelos de negócios baseados na economia de dados podem favorecer práticas de publicidade, desinformação e manipulação do comportamento de usuários mais vulneráveis, reforçando a necessidade de mecanismos de regulação e responsabilização das plataformas.

Considerando as discussões apresentadas anteriormente, destaca-se o caso de Elliot Rodger, ocorrido em Isla Vista, Califórnia, em 2014. Amplamente citado em estudos sobre comunidades incel e misoginia on-line, o episódio é mencionado neste trabalho exclusivamente como recurso ilustrativo, possibilitando relacionar os conceitos discutidos na literatura com um acontecimento de grande repercussão internacional, sem constituir objeto de análise da presente pesquisa. O jovem expressava, em conteúdos publicados na internet, profundo ressentimento em relação às mulheres e à rejeição social que vivenciava. Posteriormente, realizou um ataque no qual matou diversas pessoas, episódio que passou a ser referenciado por algumas comunidades incel como símbolo de "vingança" masculina. Embora esse acontecimento resulte de múltiplos fatores, sua repercussão ilustra como discursos misóginos, quando associados a vulnerabilidades individuais e reforçados em ambientes digitais, podem contribuir para a legitimação simbólica da violência (Revista Fórum, 2024; Lima-Santos; Santos, 2022).

Nesse cenário, a machosfera configura-se não apenas como um espaço de circulação de ideias, mas como um ecossistema que articula identidade, pertencimento, interesses econômicos e dinâmicas algorítmicas, contribuindo para a reprodução e a amplificação de discursos misóginos entre adolescentes. Compreender essa dinâmica é fundamental para o desenvolvimento de estratégias críticas que enfrentem não apenas os conteúdos, mas também as estruturas sociais, econômicas e tecnológicas que sustentam sua disseminação.

3.4 Misoginia, adolescência e violência de gênero

A disseminação de discursos misóginos nas redes sociais reflete a permanência de estruturas patriarcais, ao mesmo tempo em que evidencia sua adaptação aos novos meios digitais. As plataformas online permitem que ideias extremistas sejam propagadas rapidamente e legitimadas por meio da interação em massa, contribuindo para a naturalização da violência simbólica contra as mulheres. Nesse processo, a misoginia atua como um mecanismo de poder que reforça hierarquias de gênero e legitima a dominação masculina (Lima-Santos, Santos, 2022).

Adolescentes expostos a esses conteúdos podem internalizar narrativas de superioridade masculina, o que favorece a reprodução de comportamentos discriminatórios e violentos. Quando não problematizados, esses processos simbólicos podem evoluir para formas mais explícitas de violência, como assédio, agressões e crimes motivados por gênero. Casos recentes divulgados pela mídia brasileira evidenciam de forma concreta essa relação, demonstrando como a misoginia internalizada pode se manifestar em ações extremas (Ferraz, 2025; G1, 2026).

No contexto brasileiro, um episódio que também permite ilustrar as reflexões desenvolvidas neste estudo é o caso de Alícia Valentina, menina de 11 anos que morreu após ser agredida por colegas dentro de uma escola no estado de Pernambuco (Ferraz, 2025). De acordo com as informações divulgadas pela imprensa, as investigações indicaram que a violência teria sido motivada pela recusa da menina em corresponder às investidas de um dos adolescentes envolvidos, sendo posteriormente espancada por outros colegas e vindo a falecer em decorrência das agressões. A menção a esse episódio possui caráter exclusivamente ilustrativo, não constituindo objeto de análise desta pesquisa, sendo utilizada apenas para exemplificar como os referenciais teóricos discutidos — especialmente aqueles relacionados à construção das masculinidades, à socialização de gênero e à naturalização da violência — podem contribuir para a compreensão de acontecimentos contemporâneos amplamente divulgados pela mídia.

À luz dos referenciais apresentados neste estudo, esse episódio evidencia como a rejeição feminina pode ser interpretada, em determinados contextos, como uma afronta à identidade masculina construída sob padrões de

ISSN: 3086-4275 (online)

dominação e controle. A dificuldade de elaboração da frustração, associada à internalização de modelos de masculinidade hegemônica, pode favorecer a compreensão da violência como forma de reafirmação do poder e de restauração simbólica da identidade masculina. Embora esse caso envolva múltiplos fatores que extrapolam as discussões aqui desenvolvidas, ele ilustra como normas de gênero rígidas, quando articuladas a processos de socialização marcados pela desvalorização do feminino e pela legitimação da violência, podem contribuir para comportamentos violentos entre adolescentes.

Por fim, destaca-se o caso de estupro coletivo envolvendo adolescentes no estado do Rio de Janeiro (G1, 2026). O episódio é mencionado neste trabalho apenas como recurso ilustrativo, não constituindo objeto de análise da pesquisa, mas permitindo relacionar os referenciais teóricos discutidos com uma manifestação contemporânea da violência de gênero. De acordo com as informações divulgadas pela imprensa, o caso ganhou ampla repercussão nacional após a denúncia de estupro coletivo envolvendo adolescentes e pela apresentação de um dos acusados à polícia vestindo uma camiseta com a frase, em inglês, "Regret Nothing". A utilização dessa expressão, nesse contexto, possui importante dimensão simbólica, ao remeter à banalização da violência e à aparente ausência de responsabilização pelos próprios atos. Embora não seja possível estabelecer uma relação causal entre esse episódio e comunidades específicas da machosfera, o caso ilustra como discursos que naturalizam a objetificação das mulheres, a negação da empatia e a legitimação da dominação masculina podem encontrar expressão em manifestações contemporâneas da violência de gênero.

Esse elemento conecta-se diretamente ao que foi discutido sobre a machosfera e a atuação de criadores de conteúdo que promovem modelos de masculinidade baseados na dominação, na insensibilidade emocional e na objetificação das mulheres. A circulação de mensagens que incentivam a ausência de arrependimento, a reafirmação do poder masculino e a desvalorização do consentimento contribui para a construção de um imaginário no qual a violência pode ser legitimada ou minimizada. Assim, não se trata apenas de atos individuais, mas de comportamentos que encontram respaldo simbólico em discursos amplamente disseminados no ambiente digital.

Os casos apresentados ao longo desta seção ilustram como os processos discutidos neste trabalho, como a formação da identidade na adolescência, a influência das redes sociais, a construção das masculinidades e a disseminação de discursos misóginos, podem se articular em manifestações contemporâneas da violência de gênero. Embora não constituam objeto de análise desta pesquisa, esses episódios evidenciam que dificuldades na elaboração da frustração, associadas à pressão para performar uma masculinidade dominante, podem encontrar, em determinados ambientes digitais, espaços de validação e reforço simbólico, nos quais a violência é apresentada como forma legítima de afirmação identitária.

Essa perspectiva evidencia que a violência de gênero não pode ser compreendida exclusivamente como resultado de características individuais dos adolescentes. Ao contrário, trata-se de um fenômeno atravessado por práticas culturais, modelos de masculinidade, dinâmicas algorítmicas e formas contemporâneas de circulação de discursos no ambiente digital. Desse modo, amplia-se a compreensão do fenômeno ao deslocar o foco da responsabilização exclusivamente individual para a análise das condições sociais, culturais e tecnológicas que favorecem a produção, a legitimação e a reprodução desses comportamentos.

Dessa forma, a articulação entre adolescência, redes sociais e comunidades misóginas revela um cenário complexo, no qual fatores individuais, sociais e tecnológicos se entrelaçam na construção de comportamentos, crenças e valores. Compreender essas dinâmicas é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de prevenção que promovam o pensamento crítico, a educação digital, o fortalecimento da educação para as relações de gênero e a construção de relações pautadas no respeito, no consentimento e na equidade de gênero (Connell, 2005).

ISSN: 3086-4275 (online)

4 CONCLUSÃO

O presente estudo analisou a influência dos discursos misóginos disseminados nas redes sociais na formação da identidade e da subjetividade de adolescentes, com ênfase nas comunidades associadas à ideologia Red Pill. Os achados indicam que a adolescência constitui uma etapa de intensa construção identitária, fortemente atravessada pelas dinâmicas sociais e simbólicas presentes no ambiente digital.

Nesse contexto, as redes sociais operam não apenas como espaços de interação, mas como dispositivos de produção de sentido e validação social, influenciados por mecanismos algorítmicos que favorecem a repetição e amplificação de determinados discursos. Essa lógica contribui para a consolidação de repertórios homogêneos, nos quais narrativas associadas à machosfera[2], e à ideologia Red Pill ganham visibilidade e impacto na formação das percepções de gênero.

Observou-se que tais discursos tendem a simplificar experiências subjetivas complexas, estruturando interpretações das relações sociais baseadas em hierarquias de gênero e na valorização de modelos rígidos de masculinidade. A masculinidade hegemônica, nesse cenário, atua como referência normativa que associa identidade masculina à dominação, ao controle emocional e à negação da vulnerabilidade, produzindo efeitos significativos na elaboração psíquica de adolescentes.

Verificou-se, ainda, que a exposição contínua a conteúdos misóginos pode ultrapassar o campo simbólico e se articular a práticas sociais concretas, contribuindo para a naturalização de formas de violência de gênero. Esse processo se intensifica em contextos de fragilidade emocional e busca por pertencimento, nos quais esses discursos podem funcionar como mecanismos de validação identitária.

Dessa forma, compreende-se que a relação entre adolescência, redes sociais e discursos de gênero deve ser analisada de forma integrada, considerando dimensões subjetivas, culturais e estruturais. A adolescência constitui, nesse sentido, um período crítico de formação de valores e crenças que tendem a se consolidar ao longo da vida adulta.

Como limitação deste estudo, destaca-se o fato de se tratar de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, o que restringe a análise direta de experiências empíricas de adolescentes e limita a possibilidade de generalização dos achados para diferentes contextos sociais e culturais. Outro aspecto a ser considerado refere-se à dependência de produções acadêmicas e materiais secundários pode influenciar o recorte interpretativo da análise, uma vez que não houve coleta de dados primários.

Apesar dessas limitações, o estudo contribui para o campo da Psicologia Social e dos Estudos de Gênero ao evidenciar que os discursos misóginos presentes nas redes sociais não atuam apenas como conteúdos informativos ou opinativos, mas como dispositivos de produção subjetiva que influenciam a construção das masculinidades contemporâneas. Ao articular adolescência, cultura digital e ideologias de gênero, a pesquisa amplia a compreensão sobre os processos de socialização mediados por plataformas digitais, destacando o papel dessas tecnologias na formação de repertórios identitários e na reprodução de desigualdades de gênero.

Os resultados reforçam a importância de abordagens interdisciplinares que considerem o ambiente digital como espaço central de constituição subjetiva na contemporaneidade, apontando para a necessidade de estratégias educativas e psicossociais voltadas ao desenvolvimento do pensamento crítico e à promoção de relações de gênero mais equitativas.

ISSN: 3086-4275 (online)

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 21 abr. 2026.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). Educação em um cenário de plataformização e de economia de dados: problemas e conceitos. São Paulo: CGI.br, 2022. Disponível em: https://cgi.br/publicacao/educacao-em-um-cenario-de-plataformizacao-e-de-economia-de-dados-problemas-e-conceitos/. Acesso em: 21 abr. 2026.

CONNELL, R. Masculinities. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=html&lang=pt. Acesso em: 21 abr. 2026.

DAUDT, R. S. et al. Representações sociais emergentes no universo Red Pill e MGTOW brasileiro. E-Compós, [S. l.], v. 28, p. 1-21, maio 2025. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2870. Acesso em: 21 abr. 2026.

DATAREPORTAL. Digital 2026: Brazil. Kepios, We Are Social e Meltwater, 2026. Disponível em: https://datareportal.com/reports/digital-2026-brazil. Acesso em: 26 jul. 2026.

FERRAZ, A. Menina de 11 anos morre após ser espancada em escola; o que acontece quando agressores são crianças ou adolescentes. G1, Recife, 09 set. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2025/09/09/menina-de-11-anos-morre apos-ser-espancada-em-escola-o-que-acontece-quando-agressores-sao-criancas ou-adolescentes.ghtml. Acesso em: 21 abr. 2026.

G1. Réu por estupro coletivo se entregou usando camiseta que dizia em inglês "se arrependa de nada". G1, Rio de Janeiro, 09 mar. 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2026/03/09/reu-por-estupro-coletivo-se entregou-usando-camiseta-que-dizia-em-ingles-se-arrependa-de-nada.ghtml. Acesso em: 21 abr. 2026.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAN, Byung-Chul. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

KIMMEL, Michael. Angry white men: American masculinity at the end of an era. Nova Iorque: Nation Books, 2013.

LIMA-SANTOS, A. V. S.; SANTOS, M. A. dos. Incels e misoginia on-line em tempos de cultura digital. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1081–1102, dez. 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808- 42812022000301081. Acesso em: 21 abr. 2026.

ISSN: 3086-4275 (online)

MARRA, G. A. et al. Percepção de jovens brasileiros sobre as repercussões das redes sociais na subjetividade. Psicologia: Teoria e Pesquisa, São Paulo, v. 37, e37349, p. 1-10, ago. 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/M7sMfwjCqXdZ7j4RWjN4jdc/?lang=pt. Acesso em: 21 abr. 2026.

MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

NETFLIX. ADOLESCENCE. Criação de Jack Thorne e Stephen Graham. Direção: Philip Barantini. Reino Unido: Netflix, 2025. Série (drama). Disponível em: https://www.netflix.com. Acesso em: 21 abr. 2026.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento humano. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. p. 384–440.

PALUDO, S. dos S.; KOLLER, S. H. Psicologia do desenvolvimento: adolescência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2018.

SANTINI, R. M. et al. "Aprenda a evitar 'esse tipo' de mulher": estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://netlab.eco.ufrj.br/post/aprenda-a-evitar-esse tipo-de-mulher-estrat%C3%A9gias-discursivas-e-monetiza%C3%A7%C3%A3o-da misoginia-no-yout. Acesso em: 21 abr. 2026.

SANTOS, P. H. S. dos. Red Pill e a violência contra mulheres. Revista Contemporânea, São José dos Pinhais, v. 5, n. 6, p. 1-13, jun. 2025. Disponível em: https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/8381. Acesso em: 21 abr. 2026.

SILVA, A. C. W.; HENNIGEN, I. Misoginia online: a Red Pill no ambiente virtual brasileiro. Revista Feminismos, Salvador, v. 12, n. 1, p. 1-25, jan. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/download/57028/32323. Acesso em: 21 abr. 2026.

SOUZA, R. F.; TOZATTO, A. Redes sociais e os impactos na formação da identidade dos adolescentes. Revista Sociedade Científica, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 5279–5294, nov. 2024. Disponível em: https://journal.scientificsociety.net/index.php/sobre/article/view/793. Acesso em: 21 abr. 2026.